

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
As Variações de Hong Sang-soo
2 e 21 de Janeiro de 2020

DA-REUN NA-RA-E-SEO / 2012

Noutro País

um filme de Hong Sang-soo

Realização e Argumento: Hong Sang-soo / **Fotografia:** Park Hong-yeol, Ji Yoon-jeong / **Iluminação:** Yi Yui-heang / **Som:** Yoon Jong-min, Kim Mir / **Montagem:** Hahm Sung-won / **Música:** Jeong Yong-jin / **Interpretação:** Isabelle Huppert (Anne), Yoo Jun-sang (nadador-salvador), Jung Yu-mi (Won-joo), Youn Yuh-jung (Park Sook), Kwon Hae-hyo (Jong-soo), Moon So-ri (Geum-hee, mulher de Jong-soo), Moon Sung-keun (Moon-soo), Kim Yong-ok (monge).

Produção: Jeonwonsa Film Co. (República da Coreia, 2012) / **Produtor:** Kim Kyeong-hee / **Cópia:** em DCP, cor, falada em inglês e em coreano, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 89 minutos / **Título internacional:** In Another Country / **Primeira apresentação pública:** 21 de Maio de 2012, Festival de Cannes, Competição Oficial / **Estreia comercial:** 31 de Maio de 2012, República da Coreia / **Estreia em Portugal:** 30 de Maio de 2013, Nimas, Medeia Cine Estúdio do Teatro Campo Alegre / Primeira exibição na Cinemateca.

Na revista *Positif* de Julho-Agosto de 2012 Yann Tobin escrevia que “é talvez a presença de Isabelle Huppert no genérico que faz ‘subir’ este filme à competição [de Cannes], enquanto os dois filmes precedentes de Hong Sang-soo foram muito apreciados na secção *Un Certain Regard*. Não é certo que a manobra tenha jogado a seu favor.” Estando **Noutro País** longe dos melhores filmes do cineasta, tal não terá “jogado” propriamente a seu favor, mas “jogou” a favor da distribuição internacional do cinema de Hong Sang-soo. Foi o seu segundo filme com estreia comercial portuguesa, sucedendo a **Noite e Dia**, e, como o próprio realizador chegou a afirmar, se ao longo dos anos não se afastou muito do seu “sistema”, de algum modo a sua ideia era ir conquistando novas audiências. Hong Sang-soo voltaria a filmar com Isabelle Huppert cinco anos depois desta primeira experiência conjunta, quando a escolheu para protagonizar **La Caméra de Claire** (2017), um filme ambientado durante o próprio festival de Cannes.

Como alude o título **Noutro País** e refere a actriz em entrevistas, esta encontrava-se “a cruzar mais uma vez um universo que lhe era estranho”. Isabelle Huppert é uma estrangeira num território que não é o seu, neste caso em Mohang, uma pequena povoação à beira-mar na Coreia do Sul, e a sua exterioridade é plenamente assumida num filme que tira triplo partido da sua condição de visitante dessa terra balnear durante a estação das chuvas (consoante as suas três “versões”). Todavia, tal acaba por ser mais enriquecedor para Huppert, do que propriamente para o cinema de Hong Sang-soo, que, como habitualmente, não assenta num guião inteiramente pré-definido, partindo antes

de situações concretas e de muitos contributos dos seus protagonistas no seu confronto com o lugar em que se encontram.

É conhecido como o cinema de Hong Sang-soo envolve primordialmente um universo reduzido e relativamente fechado, que se relaciona directamente com o próprio meio do cinema em que se move o realizador. Em **Noutro País**, não obstante a presença “estrangeira” de Isabelle Huppert, não faltam personagens de realizadores (são três), nem os traços que caracterizam a mise-en-scène do cineasta. Também não faltam as infinitas variações sobre as mesmas questões de um quotidiano partilhado, que se revelam de filme para filme, sobre relações que se fazem e desfazem e sobre temas tão banais como o amor, o desejo, a infidelidade, ou o ciúme; sobre as fraquezas e as forças da “espécie humana”, temas que no cinema de Hong Sang-soo são tratados com uma franqueza e uma sinceridade invulgares. Todavia, uma das características mais marcantes de **Noutro País** é o seu carácter fragmentário e o modo como prolonga a questão central da “variação” numa lógica de tríptico, que se soma às várias estruturas binárias que enformam o tratamento da narrativa na obra de Hong Sang-soo (**Sítio Certo, História Errada; Conto de Cinema**). Princípio da repetição e diferença que aqui o cineasta leva a um extremo quando faz com que a suposta “realidade” (na sua indistinção com a lógica do sonho) se desdobre ainda triplamente na segunda das três sequências que compõem o filme.

O ponto de partida e o pretexto das “variações” de **Noutro País** é o exercício de escrita de uma jovem argumentista, que se dedica a conceber três histórias que correspondem a três versões da tal personagem estrangeira que chega a Mohang, exercendo o seu “exotismo” sobre a população local. Trata-se assim de um filme que se divide em três, cujo centro é sempre Anne /Isabelle Huppert, que em cada uma das histórias assume um diferente papel, o mesmo acontecendo com as personagens que a rodeiam, cujas características se alteram em função das diferentes variações de Anne. Na primeira visita Anne é uma realizadora francesa que se encontra com outro realizador, seu amigo; na segunda uma mulher casada que espera o amante para uns dias de férias; e na terceira é uma mulher que acaba de se separar do marido e passa férias com uma amiga. E todas as “Annes” se alojam no mesmo hotel e se relacionam com um nadador-salvador, comum às diferentes histórias.

São vários os caminhos que se bifurcam (o mesmo caminho percorrido três vezes na procura do metafórico ‘farol’), como se bifurcam os destinos das personagens que, nas suas múltiplas configurações, influem inevitavelmente umas sobre as outras, de história para história, e sobre a nossa percepção enquanto espectadores. E é este um dos aspectos mais inesperados e notáveis de um filme que, apresentando-nos três histórias independentes, estas revelam-se extremamente porosas, conquistando no seu conjunto uma densidade e uma consistência que não têm do ponto de vista individual. Podemos assim atribuir algumas das fraquezas de **Noutro País** a fraquezas da jovem argumentista que produz a própria ficção, alter ego do cineasta que traça o destino de todas as restantes personagens (em **Grass**, filme já de 2018, existirá uma personagem feminina semelhante), mas só Hong Sang-soo filmaria com tanto humor sequências como aquela em que Jong-soo convida Anne para ver “algo especial” e são bruscamente interrompidos pela mulher do primeiro.

Joana Ascensão